



HAL
open science

Mediatização e história da circulação do discurso sobre a ciência na França

Suzanne de Cheveigné

► **To cite this version:**

Suzanne de Cheveigné. Mediatização e história da circulação do discurso sobre a ciência na França. Mediatização e reconfigurações da democracia representativa. Paulo César Castro (dir), Editora da Universidade Estadual da Paraíba, pp.223-230, 2019. hal-02948089

HAL Id: hal-02948089

<https://hal.science/hal-02948089v1>

Submitted on 24 Sep 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Mediatização e história da circulação do discurso sobre a ciência na França¹

Suzanne de Cheveigné²

1. Introdução

CIÊNCIA E DEMOCRACIA SÃO muito ligadas. Conforme o ideal do Iluminismo, a decisão democrática deve ser informada, fundada no saber (JEANNERET, 1994, p. 129-158). O historiador Gérard Noriel exprime essa noção na seguinte forma: “A emancipação pelo conhecimento é um ideal que foi defendido pelas Luzes e que fez parte, naquele tempo, do que chamamos de ‘valores republicanos’” (2018, p. 12³). Isso é ainda mais verdadeiro para as decisões que envolvem temas científicos ou técnicos, quando saberes especializados são frequentemente necessários. Um princípio de igualdade impõe o acesso de todos ao saber. Contudo, hoje, a ordem e a hierarquia são questionadas: será absolutamente necessário que se adquira primeiramente um saber para depois decidir? Não seria mais proveitoso colocar os cidadãos em posição de decisão para que, em seguida, eles possam aprender? Durante os últimos 40 anos a experiência das conferências de cidadãos (*consensus conferences*) e de júris cidadãos (*citizens’ juries*) mostrou amplamente a riqueza de um modelo em que cidadãos são inicialmente colocados em posição de decidir antes de ter que aprender a ciência subjacente (BOY et al., 2000; CHEVEIGNE, 2003). Ao explorar a mediatização da ciência, poderemos pensar sobre a evolução dos elos entre o saber e a democracia. Poderemos, igualmente, nos perguntar como a instituição científica e suas formas de comunicação são impactadas pela mediatização.

1. Tradução, a partir do francês, por Andrea Doyle.

2. Centre Norbert Elias, Marselha, França. Contato: suzanne.de-cheveigne@univ-amu.fr.

3. Citação original: L’émancipation par la connaissance est un idéal qui a été défendu par les Lumières et qui a fait partie, autrefois, de ce qu’on appelle les “valeurs républicaines”.

Os discursos que vamos examinar versam sobre o saber científico, mas também, em geral, sobre o funcionamento da instituição científica. Essa última, lugar de produção desse saber, é uma entidade bem definida e fechada. Os sociólogos das ciências certamente relativizaram essa afirmação, mostrando a que ponto os cientistas vivem em seus tempos e em suas posições sociais. Mas, apesar de tudo, a instituição se mantém bem definida, com regras de pertencimento – ser empregado por uma universidade ou organização de pesquisa – e regras de entrada, através da preparação de um doutorado para os pesquisadores. Trata-se de uma instituição muito atenta a suas prerrogativas e ao controle do discurso sobre a ciência.

Eliseo Verón fez uma distinção muito útil entre formas de comunicação a respeito da ciência, que varia se os enunciadores e destinatários pertencem ou não à instituição científica (VERÓN, 1997). Essa distinção é importante e se opõe a teorias (SHINN; WHITELEY, 1985) que viam uma continuidade no discurso da ciência, baseado no conteúdo do discurso, sem levar em consideração sua dimensão enunciativa e suas condições de produção e de reconhecimento. Ora, é precioso poder distinguir os discursos internos à instituição – o que chamamos de artigos escritos por cientistas, destinados a outros cientistas, publicados em periódicos reconhecidos pela comunidade científica – dos discursos de divulgação científica⁴ que nos interessam aqui. Vamos nos interessar aqui pelos discursos a respeito das ciências destinados ao grande público, cujo enunciador pertence ou não à instituição científica, frequentemente um ou uma jornalista no último caso.

2. A divulgação científica escrita

Depois de algumas tentativas bastante ambiciosas como a Enciclopédia de Diderot no século XVIII, na França, a divulgação científica se desen-

4. O termo usado em francês é *vulgarization scientifique*. Em português, adota-se o termo divulgação científica, visto que, para Valério e Pinheiro (2008, p. 161), “enquanto a comunicação científica é a forma de estabelecer o diálogo com o público da comunidade científica – comunicação entre os pares –, a divulgação científica visa à comunicação para o público diversificado, fora da comunidade científica”. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v20n2/04.pdf>>. Acesso em: jul. 2019. N.T.

volveu amplamente no século XIX, o século do “progresso triunfante”⁵. Ela seguiu o aumento de potência do livro e da imprensa no século XIX graças ao surgimento de técnicas mais baratas de impressão. A aparição da fotografia e a possibilidade de sua incorporação nas revistas também contribuíram para enriquecê-la. Notemos, porém, que a instituição científica fechada, tal como a conhecemos hoje, só se estabelece na França depois da derrota de 1870, se alinhando ao modelo alemão (TESNIÈRE, 1993).

Serão publicados diversos livros, assim como séries de livros ou coleções, como o *Année scientifique et industrielle* (Ano científico e industrial), que durou de 1856 até 1913. Em 1825, aparecem as primeiras rubricas nos jornais e, em 1831, o primeiro periódico especializado, *Le Journal des connaissances utiles* (Revista dos conhecimentos úteis), que custava o preço de um pão (BENSAUDE-VINCENT, 1993). Esta produção será muito intensa e muito rentável durante toda a segunda metade do século XIX. Ela entra em declínio no final do século, com uma crise de superprodução, mas também pela concorrência de um novo competidor: o livro didático (TESNIÈRE, 1993). A produção da imprensa científica é relançada depois da 1ª Guerra Mundial, sem nunca voltar a ter o mesmo nível de sucesso.

3. As exposições e os museus

O texto impresso não é, evidentemente, o único suporte de divulgação científica. As conferências públicas proferidas pelas sociedades eruditas, como as de Michael Faraday na *Royal Institution of London*, ficaram famosas. Mas espaços de encontro físico com a ciência também apareceram fora dos muros da instituição científica no século XIX. É o caso das exposições universais que encenavam, principalmente, as novas aplicações técnicas da ciência: a primeira acontece em 1851, em Londres, no *Crystal Palace*. Mas a emblemática exposição de 1900, em Paris, foi a ocasião de se apresentar uma novidade: a luz elétrica. Essa exposição recebeu 50 milhões de visitantes.

O primeiro museu das ciências parisiense, o *Palais de la Découverte* (Palácio da Descoberta), foi inaugurado em 1937. Ele era o local de inú-

5. Esta seção se apoia amplamente nos trabalhos de Bernadette Bensaude-Vincent (1993) e de Valérie Tesnière (1993). Ver também Vautrin, 2018.

meras demonstrações feitas por cientistas, como as experiências espetaculares de eletrostática, que ficaram famosas. Seu discurso era diretamente originado na instituição científica. Um museu de nova geração apareceu em 1986 com a *Cité des Sciences et de l'Industrie* (Cidade das Ciências e da Indústria). Ele foi concebido a partir do modelo *hands-on*⁶ do *San Francisco Exploratorium* (BERGERON, 2016) e mobiliza mediadores profissionais. Voltaremos justamente a essa evolução, paralela à de outras mídias.

3. A ciência na televisão

Com a chegada da televisão, as ciências e as técnicas encontraram rapidamente um lugar, mobilizando a imagem para suas demonstrações. Seu modo de presença evoluiu ao longo do tempo. Para dar conta desta evolução, retomemos as três etapas que Eliseo Véron (2013, p. 266-8) usa para distinguir a evolução da televisão, cujas duas primeiras coincidem com as propostas por Umberto Eco (1985). O primeiro período dito da “paleo-televisão” estava bem alinhado com o projeto dos cientistas. A relação proposta por um enunciador (que sabe) a seu destinatário (que aprende) era do tipo pedagógica⁷. O principal interpretante era o contexto socioinstitucional fora da televisão, e a instituição científica encontrava facilmente seu lugar nessa configuração.

O segundo período, o da “neo-televisão” começou nos anos 1980. A relação enunciador-destinatário fica mais simétrica (CHEVEIGNÉ; VERÓN, 1996). Nos programas científicos, o modo de enunciação muda progressivamente. A palavra é controlada cada vez mais frequentemente pelos jornalistas científicos, que não adotam mais o mesmo modo de legitimação com relação à instituição científica, nem obrigatoriamente a posição de enunciação pedagógica (vimos um fenômeno similar com os animadores

6. Termo inglês que significa ‘mão-na-massa’, quer dizer, interativo, em que as pessoas aprendem fazendo.

7. “[...] Era um contrato de comunicação predominantemente pedagógico complementar, no sentido batesoniano de complementaridade (Bateson, 1973) [...]”. Cf. VERÓN, 2013, p. 267.

Citação original: “[...] Era un contrato de comunicación predominantemente pedagógico complementario, en el sentido batesoniano de complementariedad (Bateson, 1973) [...]”.

profissionais dos museus científicos). Principalmente, o interpretante, o quadro de referência para os discursos tornou-se o da televisão: “a própria televisão se converte na instituição interpretante... interpretante de si mesma” (VERON, 2013, p. 267-268⁸). Isso dificilmente agrada a instituição científica, cujos membros são muito críticos da falta de seriedade dos mediadores não originários do harém⁹ (CHEVEIGNÉ, 1997), mas a oferta do discurso sobre a ciência aumenta, satisfazendo um público mais diverso (em um movimento similar àquele que faz nascer o mediador nos museus científicos, como vimos anteriormente).

Não parece, por outro lado, que a terceira etapa da história da televisão, a do “Big Brother” (VERÓN, 2013, p. 269), tenha afetado o discurso midiático sobre a ciência – a não ser, talvez, por ter reduzido seu espaço nos principais canais. Tanto o jogo com os limites entre ficção e realidade quanto uma “dispersão” do interpretante¹⁰ são difíceis de admitir pela instituição científica. A exatidão, com relação às normas da instituição, do discurso sobre a ciência, é uma exigência essencial para ela.

4. A instituição científica e a midiatização da sociedade

Voltemos aos dois séculos de evolução das mídias, da ciência e da sociedade em sua globalidade. Durante o século XIX e os três primeiros quartos do século XX, a instituição científica ainda não tinha sido profundamente afetada pela midiatização da sociedade. Ela pode, assim, controlar, de forma bem ampla, a produção dos discursos sobre a ciência. Eles tinham o suporte de mídias diversas, impressas, museais, radiofônicas e televisivas, mas essas mídias ainda não impunham suas lógicas, suas referências, seus modos de legitimação. Bensaude-Vincent (1993, p. 63) exprime, assim, a primazia da instituição científica sobre a das mídias no século

8. Citação original: “la propia televisión se convierte en la institución-interpretante... interpretante de si misma”.

9. O termo original, *sérail*, é a parte do palácio otomano dedicada às esposas ou harém.

10. “O interpretante dominante é uma configuração complexa de coletivos definidos como exteriores à instituição televisão e atribuídos ao mundo midiaticizado do destinatário” (VERON, 2013, p. 268).

Citação original: “El interpretante dominante es una configuración compleja de colectivos definidos como exteriores a la institución televisión y atribuidos al mundo no mediaticizado del destinatario”.

xix: a ampliação da divulgação científica era “uma ofensiva voluntarista de ocupação das redes de comunicação”. Sua dominância continuou forte no século xx.

A partir dos anos 1980, pudemos observar a dominância crescente da instituição midiática sobre a construção dos discursos sobre a ciência em todos os suportes, na televisão, no rádio, nos museus, nos periódicos científicos e até a edição de livros com novos estilos de edição (como o das *Éditions Odile Jacob*). Este ponto de inflexão corresponde, sem dúvida, a uma etapa importante na história da mediatização da sociedade. Ele corresponde igualmente a uma evolução na relação entre Ciência e Sociedade com o questionamento progressivo do ideal do progresso (mesmo que não seja o primeiro, como bem mostra Daniel Boy (1999)).

A própria crença na verdade da palavra do especialista diminui fortemente, o que pode ser analisado de uma maneira similar àquela que mobiliza Véron para pensar a mediatização: o interpretante dos discursos sobre a ciência se tornou tão múltiplo quanto o da televisão e passa a ser relativo ao “mundo não mediatizado do destinatário” (VERÓN, 2013, p. 268¹¹). É assim que circulam os discursos “alternativos” sobre a vacinação ou a terra plana.

Ao mesmo tempo, outras lógicas, para além da difusão do saber, fizeram evoluir a instituição científica. Nesse aspecto, depois dos anos 1980, ela precisou se justificar cada vez mais – e de ser financiada. A luta pelo contato com o público tornou-se mais aguda, como vimos. É neste momento que os serviços de comunicação são criados no seio das universidades e dos organismos de pesquisa (FAYARD, 1988).

Note-se que vários autores franceses usaram o termo mediatização para dar conta dessa inflexão no conteúdo da natureza do discurso sobre a ciência. O título do livro de Pierre Fayard que acabou de ser citado é *La communication scientifique publique: de la vulgarisation à la médiatisation* (1988). Patrick Charaudeau, em obra intitulada *La médiatisation de la science: clonage, OGM, manipulations génétiques*, caracteriza a mediatização da seguinte forma: “em sua finalidade, o discurso da mediatização imprime o duplo objetivo de informação (fazer saber) e de captação

11. Citação original: “mundo no mediatizado del destinatario”.

(suscitar o interesse)” (2008, p. 17¹²). Trata-se, assim, de um sentido mais restrito do que o usado por Véron: são os discursos que são midiaticizados, não o funcionamento do conjunto da sociedade.

A instituição científica ainda está evoluindo. Ela sofre com a imposição de uma lógica neo-liberal: o caso brasileiro ilustra essa afirmação de maneira dramática, mas outros países conhecem ao mesmo tempo a imposição da “nova gestão pública” e do questionamento das disciplinas menos “legítimas” – e mais críticas – como a filosofia ou as ciências humanas e sociais. A pressão do “Publish or Perish” (publique ou morra) leva até alguns pesquisadores à fraude. A qualidade da ciência é impactada pela aparição de “fake journals” (periódicos falsos) que permitem a multiplicação de publicações duvidosas. Os blogs de cientistas permitem que eles escapem do controle direto dos pares e das mídias tradicionais. De maneira mais positiva, os periódicos científicos em acesso aberto possibilitam que pesquisadores se liberem da dominação dos periódicos acadêmicos. A ciência, como o conjunto da sociedade, está totalmente envolvida no turbilhão da midiaticização.

5. Referências

- BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind*, Londres: Paladin Grenada, 1973.
- BENSAUDE-VINCENT, Bernadette. *Réseaux*, n. 58, p. 47-66, 1993.
- BERGERON, Andrée. Médiation scientifique: retour sur la genèse d’une catégorie et ses usages. *Arts et Savoirs*, n. 7, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/aes/876>>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- BOY, Daniel. *Progrès en procès*. Paris: Presses de la Renaissance, 1999.
- BOY, Daniel; DONNET-KAMEL, Dominique; ROQUEPLO, Philippe. Un exemple de démocratie participative: la “conférence de citoyens” sur les organismes génétiquement modifiés. *Revue française de science politique*, n. 50, p. 779-810, 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick (dir.). *La médiatisation de la science: clonage, OGM, manipulations génétiques*. Bruxelles: de Boeck, 2008.

12. Citação original: “Dans sa finalité, le discours de médiatisation partage la double visée d’information (faire savoir) et de captation (susciter l’intérêt)”.

- CHEVEIGNÉ, Suzanne de. La science médiatisée. II. Les contradictions des scientifiques. *Hermès 21 Science et médias*, p. 121-134, 1997.
- _____. Expertise, risque et implication des profanes: autour de la conférence de citoyens à propos des OGM. In GILBERT, Claude (dir.). *Risques collectifs et situations de crise: apports de la recherche en sciences humaines et sociales*. Paris: L'Harmattan, 2003 . p. 267-278.
- _____; VERÓN, Eliseo. Science on TV: forms and reception of science programmes on French Television. *Public Understanding of Science*, v. 5, p. 231-253, 1996.
- ECO, Umberto. *La guerre du faux*. Paris: Grasset, 1985.
- FAYARD, Pierre. *La communication scientifique publique: de la vulgarisation à la médiatisation*. Lyon: La Chronique Sociale, 1988.
- JEANNERET, Yves. *Écrire la science*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- NORIEL, Gérard. *Une histoire populaire de la France: de la guerre de Cent Ans à nos jours*. Marseille: Agone, 2018.
- SHINN, Terry; WHITLEY, Richard D. Expository science: forms and functions of popularisation. *Sociology of the Sciences*, Dordrecht, v. 9, springer 1985.
- TESNIÈRE, Valérie. Le livre de la science en France au XIXe siècle. *Romantisme*, n. 80, p. 67-77, 1993.
- VAUTRIN, Guy. *Histoire de la vulgarisation scientifique avant 1900*. Les Ulis: EDP Sciences, 2018.
- VERÓN, Eliseo. Entre l'épistémologie et la communication. *Hermès 21 Science et médias*, n. 21, p. 23-32, 1997.



**MIDIATIZAÇÃO E
RECONFIGURAÇÕES
DA DEMOCRACIA
REPRESENTATIVA**

**Midiatização e
reconfigurações da
democracia
representativa**



Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Antonio Guedes Rangel Junior | *Reitor*

Prof. Flávio Romero Guimarães | *Vice-Reitor*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Luciano Nascimento Silva | *Diretor*

Antonio Roberto Faustino da Costa | *Editor Assistente*

Cidoval Moraes de Sousa | *Editor Assistente*

Conselho Editorial

Luciano do Nascimento Silva (UEPB)

Antônio Roberto Faustino (UEPB)

Cidoval Moraes de Sousa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Antônio Guedes Rangel Junior (UEPB)

Flávio Romero Guimarães (UEPB)

Conselho Científico

Raffaele de Giorgi (UNISALENTO/IT)

Jorge Eduardo Douglas Price (UNCOMAHUE/ARG)

Celso Fernandes Campilongo (USP/ PUC-SP)

Juliana Magalhães Neuwander (UFRJ)

Vincenzo Carbone (UNINT/IT)

Vincenzo Milittelo (UNIPA / IT)

Jonas Eduardo Gonzalez Lemos (IFRN)

Eduardo Ramalho Rabenhorst (UFPB)

Gonçalo Nicolau Cerqueira Sopas de Mello Bandeira (IPCA/PT)

Gustavo Barbosa Mesquita Batista (UFPB)

Rodrigo Costa Ferreira (UEPB)

Glauber Salomão Leite (UEPB)

Germano Ramalho (UEPB)

Dimitre Braga Soares de Carvalho (UFRN)

Maria Creusa de Araujo Borges (UFPB)

Carlos Wagner Dias Ferreira (UFRN)

Anne Augusta Alencar Leite (UFPB)

Rosmar Antonni Rodrigues Cavalcanti de Alencar (UFAL)

Pierre Souto Maior Coutinho Amorim (ASCES)

Diego Duquelsky (UBA)

Afrânio Silva Jardim (UERJ)



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Midiatização e reconfigurações da democracia representativa

Paulo César Castro

(ORGANIZADOR)



Campina Grande–PB

2019

Copyright © 2019 EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Luciano do Nascimento Silva | *Diretor*

Design Gráfico e Editoração

Paulo César Castro

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Revisão Linguística

Os autores

Normalização Técnica

Paulo César Castro

Capa

Fernanda Estevam

Foto da Capa

Fernanda Estevam

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR HELIANE MARIA IDALINO DA SILVA - CRB-15^ª/368

M627

Mediatização e reconfigurações da democracia representativa.

[Livro eletrônico] / Paulo César Castro (Organizador). – Campina Grande: EDUEPB, 2019.

Modo de acesso: eduepb.uepb.edu.br/e-books

ISBN 978-85-7879-612-9 (E-book)

ISBN 978-85-7879-611-9 (Impresso)

1. Democracia 2. Democracia e sociedade – Relações midiáticas. 3. Eleições presidenciais (2018) – Fake News – Brasil. 4. Capitalismo – Meios de Comunicação. 5. Mediatização. 6. Representação política – Argentina. I. Castro, Paulo César (Organizador).

21. ed. CDD 321.8

Sumário

- 7** Agradecimentos
- 9** Apresentação
Entre a representação e a participação: limites e possibilidades da democracia em tempos de midiatização
- 19** ¿Crisis de la democracia representativa?
mediatización y circulación
▶ Mario Carlón
- 40** Discurso de posse do novo presidente:
vínculos, imaginários e coletivos
▶ Antônio Fausto Neto
- 56** Midiatização & democracia:
sistemas de relações no ambiente social
▶ José Luiz Braga
- 76** Contacto e invocación:
figuras del liderazgo y escenas de representación política
presidencial en la Argentina del siglo XXI
▶ Mariano Fernández
- 101** Polarização e insatisfação midiatizadas no capitalismo comunicacional:
como manter a democracia?
▶ José Luiz Aidar Prado
- 123** Imaginário político e identidades no Brasil de 2013 a 2018:
entre o sentido e o verbo
▶ Gustavo Said

- 144** Relaciones entre mediatizaciones, democracia y sociedades divergentes:
apuntes sobre textos encontrados en el Archivo de Eliseo Verón
▶ Gastón Cingolani, Suzanne de Cheveigné,
Natalia Raimondo Anselmino y Mariano Fernández
- 163** “Fake news”: as estratégias discursivas da desinformação nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil
▶ Fernanda da Escóssia
- 180** A saúde no processo de “uberização da vida”:
a (não) alternativa como dispositivo de interpelação que regula e reforça as estratégias de oligopolização do poder
▶ Wilson Couto Borges e Rodrigo Murinho M. Torres
- 203** Cientista e jornalista:
a dupla hélice para compartilhar fazeres e democratizar saberes
▶ Carlos Alberto dos Santos
- 223** Miatização e história da circulação do discurso sobre a ciência na França
▶ Suzanne de Cheveigné
- 231** De olimpianos/públicos a celebridades/coletivos:
uma análise conceitual acerca da trajetória da sociedade dos meios à sociedade em miatização
▶ Aline Weschenfelder